

**Neto, Tomaz; Prado, Henrique (Orgs). *União Europeia – Visões Brasileiras*.
1 ed. Curitiba: Appris Editora, 2019, 255p. ISBN: 978-85-473-3200-6**

Flavia Loss de Araujo¹

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. **E-mail:** flavialossaraujo@usp.br. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0289-674X>.

Recebido em: 25 jan. 2021 | Aceito em: 30 mar. 2021.

RESUMO

A obra discute diversos aspectos da União Europeia (UE) e de seu longo relacionamento com o Brasil, buscando identificar áreas de sinergia para ampliar a parceria entre ambos. Os autores enfatizam a necessidade de mais trabalhos que contemplem a temática e consolidem essa agenda de pesquisa no Brasil, ainda mais em um contexto de distanciamento crescente entre o Brasil e a UE. Assim, os artigos analisam as experiências da integração europeia nas áreas do comércio, direitos humanos, educação, regulação de fronteiras e cooperação internacional, propondo a discussão desses temas a partir de perspectivas brasileiras.

Palavras-chave: União Europeia; Integração Regional; Cooperação Internacional.

ABSTRACT

The work discusses several aspects of the European Union (EU) and its long relationship with Brazil, seeking to identify areas of synergy to expand the partnership between the two actors. The authors emphasize the need for more work that addresses the theme and consolidates this research agenda in Brazil, especially in a context of growing distance between Brazil and the EU. Thus, the articles analyze the experiences of European integration in the areas of trade, human rights, education, border regulation and international cooperation, proposing the discussion of these themes from Brazilian perspectives.

Keywords: European Union; Regional Integration; International Cooperation.

O pioneiro processo de integração europeu atrai a atenção de outras regiões do mundo desde seus primórdios, na década de 1950. Seu modelo econômico e suas instituições serviram de inspiração para vários projetos regionais, inclusive na América Latina. Por aqui, inúmeros livros e artigos analisaram as etapas que levaram a formação da atual União Europeia (UE) no sentido de replicá-las ao nosso contexto, mas poucas reflexões são feitas para que se compreenda a integração europeia a partir de nossas próprias experiências e visões de mundo. A obra “União Europeia: Visões Brasileiras”, organizada por Tomaz Espósito e Henrique Sartori de Almeida Prado preenche parte dessa lacuna e permite que o projeto de integração europeu seja observado desde o ponto de vista de pesquisadores e pesquisadoras brasileiras. São quinze artigos que explicam e analisam de maneira crítica vários aspectos da integração europeia e das relações desse ator com o Brasil. Os textos não apenas explicam as nuances do processo de integração europeu para o leitor brasileiro, mas também promovem uma agenda de pesquisa conjunta, visto o crescente interesse que o tema tem despertado na academia e na mídia.

O livro é organizado em duas partes: a primeira trata de políticas de direitos humanos, segurança e defesa, fronteiras e educação no âmbito europeu, com destaque para as análises feitas sobre uniões homoafetivas, de Arthur Ramos do Nascimento e Fernando de Brito Alves, e o artigo sobre o acordo UE-Turquia a respeito de migração e refúgio, de Adriana Kirchof Brum e

Adriana Santos. Ambos os textos reconhecem os avanços da UE nos dois temas, mas também destacam o longo caminho que o bloco deve percorrer caso queira, de fato, colocar em prática o respeito aos direitos humanos que permeia em suas instituições e políticas.

No caso das uniões homoafetivas, os autores destacam as disparidades dentro do próprio bloco, que possui países tolerantes e outros que praticam políticas discriminatórias, ainda que todos estejam sob as mesmas jurisdições supranacionais. Os temas da migração e do refúgio são igualmente delicados e permeados de contradições. Como apontam as autoras, a migração está no centro do debate da integração europeia desde o surgimento da Comunidade Econômica Europeia (CEE) e, apesar disso, se tornou uma agenda cada vez mais securitizada. A falta de consenso entre os países membros sobre políticas migratórias ameaça os direitos de milhares de refugiados, problema agravado pela crescente xenofobia que permeia parcelas da sociedade europeia e que é alimentada por movimentos nacionalistas.

Também essas questões extravasam os níveis domésticos e são motivo de preocupação para um bloco constituído por princípios que visam preservar os direitos humanos. As críticas à conduta da Europa em temas sensíveis podem parecer, à primeira vista, injustas para a região que mais avançou em temas de direitos humanos, além de ter inventado o próprio conceito. Mas esses apontamentos se relacionam com o papel que a Europa quer ocupar no sistema internacional e com sua possível liderança nessas questões.

A UE projeta seus valores para outras regiões e busca, cada vez mais, imprimi-los em acordos e tratados que assina com outros países. O texto de Rosana Tomazini aborda esse ponto ao discorrer sobre as parcerias estratégicas formadas pela UE e a utilização de seu soft power (poder brando) para a promoção do respeito ao Estado de direito e aos direitos humanos. No contexto atual, a atuação da UE nesse sentido se faz cada vez mais necessária e tem sido requisitada. O crescimento de pautas retrógradas em todo o mundo exige, cada vez mais, posicionamentos da UE como uma voz única no cenário internacional. Isso não significa impor modelos e padrões europeus ao resto do mundo, mesmo porque isso já ocorreu no passado; mas aproximar valores e visões parecidas. No caso do Brasil e da América Latina, essa convergência com a Europa já existe em relação ao respeito à democracia e aos direitos de minorias, ainda que a prática desses princípios esteja distante do ideal. Cabe, para ambos os lados do Atlântico, avançar nessas pautas e cooperar em pontos comuns.

A segunda parte do livro aborda as relações entre a UE e o Brasil. O artigo de Caroline Paranhos Leão e Tomaz Espósito retoma a trajetória da cooperação entre o Brasil e o bloco no setor de biocombustíveis entre 2007 e 2011, período em que a política externa brasileira adotou a “diplomacia do etanol”. Outra iniciativa conjunta ocorreu na área de educação através da parceria entre os programas de intercâmbio estudantis europeus e o Ciências sem Fronteiras (CsF), realizado pelo governo brasileiro entre 2011 e 2017. Isabella Felix Espindola e Tomaz Espósito Neto examinam a potencialidade dessa cooperação na área de internacionalização do ensino superior, vigente mesmo com o fim do CsF. As parcerias bilaterais entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com diversos países europeus resistem à diminuição de orçamento promovida pela contraparte brasileira. Outro exemplo da

resiliência da cooperação nessa área a partir de laços estabelecidos anteriormente é o Programa Horizonte 2020. Criado pela Comissão Europeia e vigente entre 2014 e 2020, o projeto garantiu um fundo de €80 bilhões para ciência e inovação disponível para membros da UE e cooperação internacional, ou seja, para países de fora da Europa. Foi substituído pelo programa Horizonte Europa, que terá vigência entre 2021 e 2027, além de orçamento reforçado. Apesar da interrupção do programa brasileiro CsF, os autores deixam explícita sua importância e seu legado nas relações entre o Brasil e a UE, exortando sua retomada e aprofundamento.

Um ponto de convergência entre os textos é o recente distanciamento entre o Brasil e a UE devido às mudanças conjunturais, especialmente do lado brasileiro. A crise inaugurada pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (2011-2016) trouxe à tona projetos políticos que diferem dos valores democráticos cultivados pela UE, fato que tem causado preocupação entre os governos europeus e aumentado o distanciamento em relação ao Brasil. Um tema importante e que tem sofrido o efeito desse esfriamento das relações é o acordo entre a UE e o Mercosul, cujas negociações foram retomadas em 2016.

O trabalho de Demetrius Cesário Pereira e Paola Gonçalves Prado versa sobre a participação do empresariado brasileiro nas reuniões das Cúpulas Brasil-UE entre 2007 e 2014, enquanto Roberto Goulart Menezes e Sabrina Sabatovicz Paiva discutem a retomada do acordo entre os dois blocos em um novo contexto da economia brasileira, a partir da ascensão de Michel Temer à presidência. Os demais capítulos da obra são igualmente interessantes e contribuem para que uma agenda de pesquisa seja consolidada no futuro, atraindo mais pesquisadores dispostos a diminuir o desconhecimento sobre o processo de integração europeu. Nesse último ponto residem as qualidades mais importantes do livro: primeiro, examinar a UE sob perspectivas brasileiras; segundo, transmitir as análises para os leitores, aproximando-os do tema e ampliando o debate para outros setores da sociedade.